

**A CONVERGÊNCIA
MIDIÁTICA E AS
TECNOLOGIAS MÓVEIS
PÓS-BOLONHA: novas
práticas sociais**

THE MEDIA CONVERGENCE AND
MOBILE TECHNOLOGIES POST-
BOLOGNA: new social practices

LA CONVERGENCIA MIDIÁTICA Y
LAS TECNOLOGÍAS MÓVIL POST-
BOLONIA: nuevas prácticas
sociales

**Valdirene Cassia da Silva¹
Irenides Teixeira²
José Lauro Martins^{3, 4}**

RESUMO

Com a cibercultura, as relações sociais, políticas, econômicas e culturais expandiram-se, configurando novas formas de discursos e diferentes tipos de interação. O modelo informacional “um-todos”, que exigia a presença face a

¹ Doutora e Mestre em Educação (UFBA). Professora do CEULP/ULBRA. Professora da FACTO. Vinculada a UNEST e a FESAR. Membro do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Saúde, da Universidade Federal do Tocantins-Brasil. E-mail: valdirene.silva0@gmail.com.

² Doutorado em educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Mestrado em Comunicação e Mercado; Especialização em Teorias da Comunicação pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, Graduação em Comunicação Social e em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA. E-mail: irenides@gmail.com.

³ Filósofo e doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho - Portugal. Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins-Brasil. E-mail: jlauro@mail.uft.edu.br.

⁴ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Tocantins; Curso de Jornalismo; Bloco bala II - sala 20; Campus de Palmas; Quadra 109 Norte, Avenida NS-15, ALCNO-14 Plano Diretor Norte | 77001-090 | Palmas/TO.

face para que o processo de comunicação se estabelecesse, perde a força e em seu lugar um novo modelo se configura: "todos-todos", fundamentado na presença-ausência dos sujeitos envolvidos no processo comunicacional. O objetivo deste texto é discutir as práticas sociais e as novas formas de mobilidade disponíveis pela concepção de espaço/tempo, introduzida pelas tecnologias móveis no Processo de Bolonha – resultado da convergência midiática que engendrou novos comportamentos e mudanças nas relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Telefonia móvel; Convergência midiática; Práticas sociais; Processo de Bolonha.

ABSTRACT

With the cyberculture, social, political, economic and cultural relations have expanded, setting up new forms of discourse and different types of interaction. The information model "one-all", which required the presence face to face so that the communication process could be established, loses strength and in its place a new model is configured, "all-all", based on the presence-absence of the subjects involved in the communication process. The objective of this paper is to discuss the social practices and new forms of mobility available for the design of space / time, introduced by mobile technologies Process of Bolonha - a result of media convergence which produced new behaviors and changes in social relations.

KEYWORDS: Mobile Phones; Media convergence; Social practices; Process de Bolonha.

RESUMEN

Con la cibercultura, las relaciones sociales, políticas, económicas y culturales se expandieron, configurando nuevas formas de discursos y diferentes tipos de interacción. El modelo informacional "uno-todos", que exigía la presencia cara a cara para que el proceso de comunicación se estableciera, pierde la fuerza y en

su lugar un nuevo modelo se configura: "todos-todos", fundamentado en la presencia-ausencia de los " los sujetos involucrados en el proceso de comunicación. El objetivo de este texto es discutir las prácticas sociales y las nuevas formas de movilidad disponibles por la concepción de espacio / tiempo, introducida por las tecnologías móviles en el Proceso de Bolonia - resultado de la convergencia mediática que engendró nuevos comportamientos y cambios en las relaciones sociales.

PALABRAS CLAVE: Telefonía móvil; Convergencia mediática; Prácticas sociales; Proceso de Bolonia.

Recebido em: 30.07.2017. Aceito em: 12.09.2017. Publicado em: 01.10.2017.

Introdução

As leituras sobre “Processo de Bolonha” e a globalização chamou-nos a atenção o fato de que o mesmo inicia em 1999, logo após a criação da rede mundial de computadores em 1992 (SILVA e CONCEIÇÃO, 2013). O *boom* inicial chamou a atenção do mundo e não restou dúvida de quanto os processos de comunicação poderia transformado. Embora o Processo de Bolonha seja uma iniciativa europeia na área da educação em resposta às demandas do processo de globalização (MORGADO, 2009), tem-se que creditar ao fenômeno da cibercultura (LEVY, 1999) o impulso que a sociedade europeia necessitava para um movimento político complexo que exige reflexão e ponderação de instituições de primeira hora no nascimento do que hoje conhecemos como Universidade. Em seu tempo as universidades promoveram a organização e o acúmulo do conhecimento, agora a Internet possibilita a circulação das informações em velocidade e volume jamais experimentado.

O processo de Bolonha chama-nos a atenção tanto pelas críticas às propostas quanto pela possibilidade de atualização das Universidades. Embora nem toda atualização seja necessariamente boa, todo processo de mudança gera informação e conhecimento. Sendo um contexto de forte incidência de tecnologias digitais nos processos comunicacionais, fundamentalmente as tecnologias de WEB, possibilitou a circulação da informação e, conseqüentemente, a (trans)formação na cultura. A cibercultura e seus sistemas de comunicação imprimiram nova amplitude à sociedade contemporânea. Tão importante quanto estudar e refletir sobre esse fenômeno é perceber a força da comunicação, como processo de expressão da participação social, na contemporaneidade.

Nosso objetivo foi neste artigo foi questionar as práticas sociais e a mobilidade disponível ao sujeito pela nova concepção de espaço/tempo, introduzida pelo smartphone por meio da convergência midiática. O pressuposto de que partimos defende que a convergência não se dá apenas em transformações tecnológicas mercadológicas, mas culturais e sociais. É uma questão de comportamento, mudanças nas interações e práticas sociais com os outros e na produção do conhecimento. Em face disso, teceremos um diálogo com alguns autores que discutem como a convergência tecnológica e a mobilidade abrem novo campo de interação social. Ao final, retornamos ao Processo de Bolonha por entender que os fenômenos debatidos forma a teia da comunicação em rede que virtualiza instituições centenárias, desterritorializa práticas centrais da cultura acadêmica.

Virtualização ou desterritorialização da informação

A comunicação não é apenas um produto, "mas um processo de troca simbólica, processo de sociabilidade, que gera os laços sociais que estabelecemos com os outros, sobrepondo-se às relações naturais que estabelecemos com o meio ambiente". (RODRIGUES, 1999, p.22). A pluralidade da comunicação e as transformações culturais, promovidas pelas tecnologias contemporâneas, permitiram uma aproximação maior com outros movimentos culturais. Complexa e híbrida, a cultura contemporânea é decorrente do deslocamento de um mundo concebido em termos binários, no qual cada povo é um povo distinto de outro pela singularidade de seus traços culturais (BHABHA, 2001).

Como conseqüências da pluralidade da comunicação e das transformações culturais expandiram-se as relações sociais, políticas, econômicas e culturais, o que possibilitou novas formas de discursos, produção de significados e interações pessoais. Essas conseqüências decorreram, principalmente, das reconfigurações dos pólos de emissão e recepção, possibilitada pelas redes. Por essas redes são transportados:

[...] som e imagem a partir de qualquer ponto, num processo descentralizado, de forma que cada sujeito que estiver conectado pode transformar-se num emissor, o que permite a manifestação de particularidades, emoções, subjetividades, diversidades, sem o filtro de um centro editor (BONILLA, 2010, p. 12-13).

Essas redes, constituídas de um conjunto de unidades sociais que mantém relações entre elas, direta ou indiretamente, através de cadeias de tamanhos variáveis marcam o fim da centralidade das informações nos meios massivos e estabelecem outras vias comunicacionais. Essa descentralização confere autonomia aos sujeitos envolvidos no processo, conferindo a eles amadurecimento frente aos avanços tecnológicos impostos pela revolução digital. Em harmonia com as exigências desse novo momento, as informações não obedecem mais à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos) (LEMOS, 2004), numa estrutura social que Pretto (1996) denomina de "sociedade rede": redes não mais como sistemas viários, mas como complexo de teias digitais, responsáveis pela formação de novas territorialidades: móveis, fluidas e híbridas. Em decorrência desse fato, a informação que antes partia da mídia massiva (um-todos), agora provém da pós-massivas (todos-todos). Aqui a liberação não é apenas liberar a palavra no sentido de uma produção individual, mas colocar em marcha uma produção que se estabelece como circulação e conversação. "A emissão livre e em rede

cria assim uma potência [...] para a reconfiguração social e política” (LEMOS e LEVY, 2010, p. 26).

Nesse contexto, a informação e o conhecimento são projetados em uma dimensão horizontal de poder, quebra-se a dimensão hegemônica da informação por via de mão única, dando origem a novos atores e interações sociais. Todos passam, de forma colaborativa, a produzir conteúdos a partir de uma inteligência coletiva (LEMOS e LEVY, 2010). O contexto em questão é palco de novas relações e novas trocas de afetividades instantâneas que nos apresentam uma cultura ciber marcada pela complexidade e pelo hibridismo. De acordo com Lemos e Levy (2010), a cibercultura é um

[...] conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social (p. 22).

Nessa lógica, podemos compreender a cibercultura como uma cultura da (des)territorialização informacional, cuja essência, segundo Lemos (2005), é a manifestação desterritorializante dos aspectos políticos, econômicos, culturais e subjetivos, onde estão em movimento os processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo. O que afeta, significativamente, o sujeito e seus vínculos sociais e culturais, no ciberespaço.

O ciberespaço é, no entanto, (des)territorializado por agenciamentos maquínicos, sociais e coletivos, que criam (re)territorializações. Na concepção do autor, essa é a dimensão comunicacional, social e política da cibercultura. Compreender o ciberespaço implica em tomá-lo como espaço de quebra e

criação de controle e de hierarquias, de (des)territorializações: movimentar-se nas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído (LEMOS, 2005, p. 4).

A cibercultura, portanto, com suas técnicas materiais e intelectuais, com suas práticas, atitudes, modos de pensamento e valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, abre “[...] novos planos de existência: nos modos de relação, [...] nos modos de conhecimento, de aprendizagem e de pensamento [...], nos gêneros literários e artísticos”. (LÉVY, 1999, p. 218).

As tecnologias de comunicação e informação nos permitem estar inseridos genericamente nesses novos processos. Com isso, o espaço/tempo é “reduzido”, dando lugar a uma falsa impressão de que o homem moderno, por meio da tecnologia móvel, pode ocupar diferentes lugares ao mesmo tempo, promovendo mudanças na presença-ausência na vida das pessoas: a telefonia móvel, por exemplo, reverteu a tendência anterior que exigia a presença face a face e coloca diante de seus usuários pessoas e situações remotas, o que significa tornar virtualmente presente o que de fato está ausente.

A Convergência dos Meios e a Mobilidade

Desde o século XIX, o mundo passa por significativas transformações, marcadas, principalmente, pelo surgimento de grandes inovações tecno-midiáticas. Essas inovações imprimiram à sociedade mudanças aceleradas, sob o signo da evolução das tecnologias. O mundo caminhou para uma revolução, denominada digital que, segundo Lemos (2004), implica a passagem do *mass*

media para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Interligadas e interconectadas, estas possibilitam a navegação, em um processo interativo e em uma velocidade superior às imaginadas pelo homem (SILVA e COUTO, 2008). Por isso, os meios de comunicação convencionais passaram a dar espaço para um outro movimento, denominado convergência. Novas e antigas mídias interagem-se e alteram, significativamente, o processo comunicacional e as práticas sociais, políticas e culturais.

Há uma crescente interdependência entre as diversas mídias e uma diluição dos contornos de cada setor [...] A análise das características destes novos meios de comunicação nos leva a concluir, [...], que a distinção mantida mais ou menos artificialmente entre os meios de comunicação impressos e os meios eletrônicos tende a desaparecer, numa velocidade que nos escapa neste momento, [...] (CARITÁ *apud* GIOVANNINI, 1987, p. 293).

Os meios de comunicação são muito mais que sistemas de distribuição e tecnologias. São sistemas culturais, construídos sobre protocolos que expressam uma grande variedade de relações sociais, econômicas e materiais, o que implica pensar a convergência de mídia como mudança na relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. De acordo com Fragoso (2005), é preciso compreendê-la também e essencialmente na dimensão cultural, como produção e difusão de novos sentidos e significados para as comunidades interpretativas⁵. A convergência entre os meios altera a

⁵ Comunidades interpretativas caracterizam-se por comunhão de propósitos e práticas no uso da mídia. Elas estruturam respostas ao conteúdo midiático, que correspondem a sistemas de sentido e esquemas narrativos. À luz de Jensen (1987), Schramm (2005) sinaliza que as comunidades interpretativas e seus membros são definidos por sua localização e funções sociais e pelas tradições culturais, convenções e sentidos que as unem. Disponível em http://www.facom.ufba.br/midiaerecepcao/textos/2005/luanda_schramm.pdf. Acesso em 16 de julho de 2010.

demanda da mensagem de acordo com a necessidade de expressão. Emissor e receptor passam a escolher e interagir com as mídias que mais lhes convém, tornando-se também autores. Nessa perspectiva, Lemos e Lévy (2010) afirmam:

[...] o cidadão [...] não está mais obrigado a restringir o seu ponto de vista e acesso à informação ao que se inscreve ou é dito na esfera pública midiática de massa. Há possibilidades de acesso a pontos de vista de um conjunto de atores em debate ou em conflito. [...] pode-se produzir uma visão de mundo independente e distribuí-la livremente, sob diversos formatos (p. 76-77).

Trata-se, portanto, de mudança significativa na relação do homem com as mídias e, também, nas práticas sociais: a convergência tecnológica possibilita às pessoas assumir o controle das mídias. Nossa vida, entretenimento, relacionamentos, memórias, fantasias e desejos fluem pelas múltiplas plataformas e canais midiáticos (JENKINS, 2009). Disso resultam novas culturas e identidades. Descentradas, deslocadas ou fragmentadas, as novas identidades decorrem de reconfigurações múltiplas das interações sociais.

Aliada a isso, e de forma indissociável, está a característica de mobilidade. “Para a comunicação, a mobilidade é central já que comunicar é fazer mover signos, mensagens, informações, sendo toda a mídia (dispositivos, ambientes e processos) estratégia para transportar mensagens, afetando nossa relação com o espaço e o tempo” (LEMOS, 2009, p. 28). Ela possui o poder de manter as pessoas em rede - elemento estruturador de territórios, novas formas de agir, pensar e sentir (PRETTO, 1999). Além de quebrar a fronteira rígida entre o real e o virtual, a mobilidade altera as formas de interação.

De acordo com Lemos e Lévy (2010), essas redes colocam-nos diante de novas práticas sociais e de comunicação, impondo-nos, com isso, novas formas de mobilização. A sociedade passa a ter controle das transformações

decorrentes desse cenário: a comunicação pessoal passa a constituir-se no controle individual; a partilha coletiva da informação, em mobilidade com alcance planetário (Op.cit.,). Essa mobilidade está diretamente associada à conexão nos aspectos físico/espacial (transporte) e virtual/informacional (mídia), o que implica desterritorialização, espaço sem distâncias, diferenças e fronteiras.

Para Lemos (2009), são várias as situações que podem ilustrar essa condição. Por exemplo: os “Tumultos em Paris”, no ano de 2005, e as movimentações criminosas do Primeiro Comando da Capital – PCC, em 2006, de que resultou uma “guerra urbana” no Brasil. Essas ocorrências foram organizadas via tecnologias móveis-*smartphones* e *laptops*. Novas tecnologias, portanto, surgem e configuram um novo cenário, no qual socializar a informação torna-se cada vez mais imprescindível, uma vez que une sujeitos, antes separados por distâncias físicas e temporais.

Tecnologia móvel: o smartphone e sua função convergente

A telefonia móvel é uma das marcas da contemporaneidade. Por meio dela, são promovidas a descentralidade da informação e ações dialógicas com outros sujeitos, em tempo real (processos interativos). Sendo assim, “[...] não só a cidade, mas qualquer parte do mundo se tornou acessível ao toque de minúsculos dígitos de um pequeno aparelho que quase cabe na palma da mão (SANTAELLA, 2004, p. 231). O smartphone, por meio de suas interfaces, oferece a possibilidade de novas práticas de sociabilidades, graças à sua natureza multifacetada.

Leve e diminuto, o smartphone oportuniza novas linguagens, novas formas de expressão e novas dimensões de tempo e espaço, permitindo aos sujeitos ocupar diferentes lugares ao mesmo tempo e intervir nos processos individuais e coletivos nos mais diferentes territórios. Inaugura-se, o que Santaella (2007) denomina de presença-ausência dos sujeitos: o smartphone coloca diante de seus usuários pessoas e situações remotas, o que significa tornar virtualmente presente o que de fato está ausente. Acabar com a diferença entre tempo e lugar talvez seja uma das principais características das tecnologias móveis.

Os smartphones estão cumprindo esse papel, por intermédio do princípio da desterritorialização, que implica compreender os movimentos a partir de um pensamento móvel (LEMOS e LÉVY, 2010). O sujeito conectado em rede vivencia a ubiquidade, uma vez que pode estar, virtualmente, em vários lugares ao mesmo tempo. Para Bonilla (2005),

Em torno da infra-estrutura material forma-se um espaço de comunicação, que permite articular indivíduos, instituições, comunidades, estando contidos também as informações e os seres humanos que por ele circulam e o alimentam (p. 33).

O *smartphones* habilita o fluxo de comunicação interativa, alterando as ecologias comunicativas existentes (TACCHI, 2009). Ainda de acordo com o autor, isso envolve as pessoas num processo comunicativo em uma rede social específica, de onde emanam informações segmentadas para uma comunicação eficiente. O espaço ganha novas dimensões. A linguagem e as diversas formas de expressão também. Por ser um canal de comunicação que está ligado diretamente ao sujeito, o *smartphone*, portátil, personalizado, multifuncional e criando a ilusão do estar-se constantemente conectado e vigiado, influencia o comportamento do indivíduo, conferindo-lhe características próprias, tais como

autonomia excepcional na gestão de seus relacionamentos e sentimento da superação constante de um modelo por outro sempre mais complexo.

Para Lemos (2007), os *smartphones*, uma vez que ultrapassou o objetivo primeiro de sua criação – comunicar em circunstância de mobilidade – configura-se como a mais importante ferramenta da convergência midiática. A liberação do pólo da emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais, princípios defendidos na cibercultura, colocam-no na condição de ferramenta de “comunicação de massa social”, com duas características: o controle individual e a partilha coletiva da informação com difusão imediata e alcance planetário.

Para Lemos (2007), as tecnologias móveis são “suporte para sociabilidade”. A partir do instante em que o *smartphone*, convergir todas as mídias e estiver ao alcance de todos e ao mesmo tempo, haverá uma mudança significativa nas relações e nas trocas sociais, uma vez que passamos a relacionar nossas vidas, numa dimensão de velocidade, espaço e tempo do “aqui e agora”. Trata-se do princípio da (des)territorialização: compreender os movimentos a partir de um pensamento móvel (LEMOS e LÉVY, 2010). O sujeito, desde que conectado em rede, não precisa estar em lugar nenhum. “Em torno da infra-estrutura material forma-se um espaço de comunicação, que permite articular indivíduos, instituições, comunidades, estando contidos também as informações e os seres humanos que por ele circulam e o alimentam” (BONILLA, 2005, p. 33).

Ao promover essas interações, as redes conferem ao *smartphone* posição privilegiada na convergência midiática. Voz, escrita e produtividade, função de agenda, calculadora, relógio, gravador de voz, despertador, organizador de

tarefas, GPS, internet, jogos, fotografias, vídeos, mp3, rádio (BITTENCOURT, 2009) são dispositivos de comunicação e lazer que convergem para um único aparelho, transformando o cotidiano em um espetáculo.

Considerações Finais

As tecnologias surgem e se transformam numa rapidez e imprevisibilidade incontestáveis. No mesmo ritmo e condição, modificam formas de ser e estar no mundo. Na esteira dessas transformações imprevisíveis, uma tendência se configura no mundo tecnológico: reunir todas as mídias possíveis e conhecíveis até o momento, em um único artefato. O *smartphone*, por suas interfaces, oferece essa possibilidade. Convergência e práticas de novas sociabilidades surgem da natureza multifacetada dessa tecnologia.

Seja convergência midiática a reunião de múltiplas funções em um mesmo aparelho, seja uma ocorrência que se dá no cérebro do consumidor individual, em suas interações sociais, um fato é inegável: as tecnologias evoluíram assustadoramente na sociedade marcada por transformações imprevisíveis e aceleradas. Decorre daí, uma revolução que se configura na passagem do *mass media* para formas mais individualizadas de produção, difusão e informação. Os meios convencionais de comunicação obrigam-se a ceder espaço para um novo movimento: a convergência.

Interação complexa, a convergência midiática altera o processo comunicacional, as práticas sociais, políticas e culturais. Isso implica uma diversidade de interações sociais e econômicas, cujo resultado é uma mudança na relação entre tecnologia, mercado, gêneros e públicos, que potencializa a construção de novos bens materiais e simbólicos. Por meio da convergência,

além de podermos assumir o controle das mídias, nossa vida - do entretenimento à fantasia - deflue pelas múltiplas plataformas e canais midiáticos. As novas identidades, descentradas, fragmentadas, produto das interações sociais sempre reconfiguradas, são o resultado direto dessa convergência.

O *smartphone*, resultado da evolução das telecomunicações e das tecnologias digitais, antes apenas um aparelho de efetuar e receber chamadas, reúne, atualmente, inúmeras funções, tornando-se, assim mais que um telefone móvel. A busca do ser humano por armazenar e organizar informações de forma cada vez mais rápida e eficiente faz do *smartphone* o mais importante instrumento de convergência de mídias. Ligado a diferentes recursos tecnológicos, essa tecnologia móvel inaugurou uma transformação em nosso censo de localização, tempo, valores, ética, etiqueta e cultura, alterando, profundamente, nossa forma de ser e estar no mundo.

Nesse contexto a que se perguntar: Como fica a educação? A instituição universidade, com toda sua diversidade, não havia necessidade de transformar suas práticas e sua imagem. Afinal, já representava as transformações sociais em todo seu aparato de produção do conhecimento. Porém, as tecnologias digitais avolumaram retumbantemente de forma que as universidades estão sendo questionada sobre o seu lugar no mundo do conhecimento. Não basta mais uma grande biblioteca e os melhores professores para que uma universidade seja considerada como referência na formação dos cidadãos em qualquer país. Pois as informações estão na WEB e cada vez menos os estudantes acessam as bibliotecas físicas para o acesso a informação. Os melhores periódicos científicos estão na WEB, grande parte com acesso livre. Com um *smartphone*

acessa as informações disponíveis no ciberespaço e pode obter orientação de professores sem a necessidade que ambos estejam no mesmo espaço físico.

As formações dos educadores precisam levar em conta a necessidade de esses profissionais deve desenvolver novas competências em que o mundo digital exige. Tal como, a capacidade de mediação dos estudos e não mais a capacidade de distribuir informações. A gestão da aprendizagem não é mais para os estudantes, todos somos aprendentes em tempo em que as convergências tecnológicas nos desafiam sempre. O mundo do trabalho desafia a todos a aprender sempre, desde o manuseio de softwares até a capacidade de acessar, selecionar, processar as informações necessárias para manter-se em seu posto de trabalho.

Os questionamentos sobre a globalização do fim do século 20 que incitou à construção de um projeto de ensino superior que pudesse atender de forma mais extensa a necessidade de mobilidade e formação aceita no continente europeu não estava a altura do desafio que a mobilidade da informação promoveria neste início de século. O desafio promovido pelo Processo de Bolonha pode ser a condição impar para que as universidades europeias superem tradição sem desmerecê-las. Seria bom que qualquer universidade não espere que a sociedade questione sua competência para a formação da próxima geração. Mais que nunca, é seu papel mudar sempre. Obviamente que a autocrítica é salutar e nunca escapará da crítica social. Mas as incertezas é característica da sociedade contemporânea e lidar com a presencialização do futuro tornou-se uma necessidade.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p229>

Referências

BITTENCOURT, Alessandra Torres. Uso de telefones celulares em tempos de convergência: um estudo de caso com pré-adolescentes em Curitiba. In: **RAZÓN Y PALABRA** Número 69, año 14, julio-septiembre 2009. Disponível em <<http://www.razonypalabra.org.mx/Usode%20te...pdf>>. Acesso em 15 de janeiro de 2013.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BONILLA, Maria Helena. Escola Aprendiz: para além da Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BONILLA, Maria Helena. Linguagens, tecnologias e racionalidades utilizadas na escola: interfaces possíveis. In: **Anais da 33ª Reunião Anual da ANPED**, GT Educação e Comunicação/n.16. 2010.

FRAGOSO, Suely. Reflexões sobre convergência midiática. In: Líbero – **Revista acadêmica do programa de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero**. São Paulo, ano VIII, nº 15/16, p.17-21 2005.

JENKINS Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LE MOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes

(DHMCM). **Comunicação, Mídia e Consumo**. v. 4, n. 10, 2007. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/DHMCM.pdf>>. Acesso em 13 de janeiro de 2013.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. In Matrizes, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação**, USP, ano 1, n.1, São Paulo, 2007, ISSN 1982-2073, pp.121-137. Disponível em <http://www.andrelemos.info/artigos/Media1AndreLemos.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2012.

LEMOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004. 2ª ed. 295p.

LEMOS, André. Cultura da Mobilidade. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, n.40, dezembro de 2009. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6314/4589>>. Acesso em 13 de dezembro de 2012.

LEMOS, A. e LÉVY P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. Campinas: Papirus. 1996.

PRETTO, Nelson De Luca. Educação e inovação tecnológica: um olhar sobre as políticas públicas brasileiras. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.11, p.75-85, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHRAMM, Luanda. Comunidades interpretativas e estudos de recepção. Das utilidades e inconveniências de um conceito. In: **Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, COMPÓS, XIV, 2005, Niterói/Rio de Janeiro. Disponível em http://www.facom.ufba.br/midiaerecepcao/textos/2005/luanda_schramm.pdf. Acesso em 16 de julho de 2010.

SILVA, Valdirene Cássia da; COUTO, Edvaldo Souza. Convergência cultural-midiática: as tecnologias e a fruidez da juventude na cibercultura. In: **IV Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14165.pdf>. Acesso em: 16 de dezembro de 2012.